

# SIRIUS

## LE BOURGET

Págs. 4 a 7

---

## PILOTAÇOS EM FESTA

Págs. 8 a 10

---

## Entrevista com o general LEMOS FERREIRA

Págs. 12 a 17

---

## VILA BERTA

Por CARDOSO PIRES

---



1252



Págs. 19 a 22

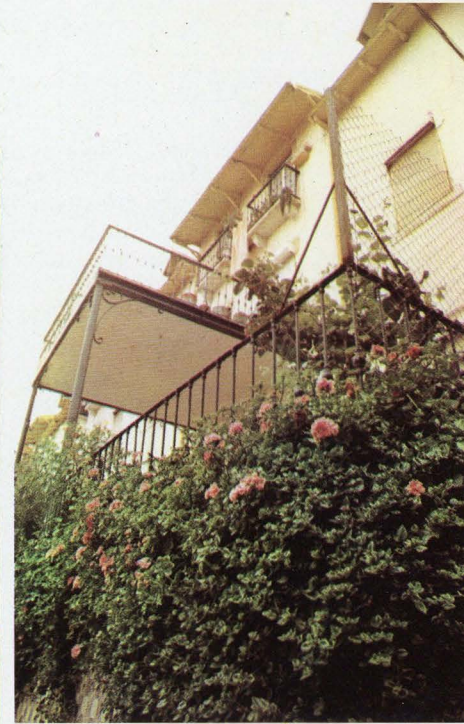
# VILA BERTA



A cada instante do perfil duma capital há sempre um «calcanhar de Aquiles» que se descobre, uma articulação pobre e degradada da paisagem, e o curioso é que muitas dessas zonas escondem por vezes inesperados recantos de beleza. Em Lisboa, «Vila Berta» é uma dessas surpresas. Para quem a saiba descobrir.

## O CALCANHAR DE ULISSSES

Por JOSÉ CARDOSO PIRES



Diz-se: a cada lisboeta, sua Lisboa — de preferência, um apontamento da paisagem onde encontramos cor e sortilégio e que guardamos como nosso. Pode ser um largo, um pardieiro, uma árvore magestosa e ignorada, até, qualquer coisa à margem do dia-a-dia de todos e que por si só define uma outra cidade, a nossa. Não nos demoramos por isso no lugar-comum enaltecido e privilegiado:

é óbvio demais para quem vive o cotidiano citadino e procura nele uma imagem exclusivista. Em vez do romântico jardim da Praça das Flores procuramos — é um supor — o quase louco e abandonado pavilhão de vidro da Tapada de Ajuda onde António de Macedo filmou as **Horas de Maria** e que, mesmo assim, continuou no Index das peregrinações lisboetas. Ou retemo-nos diante da fachada de

azulejos daquele prédio do Largo Rafael Bordalo Pinheiro, tão em pleno Chiado e tão despercebido por isso mesmo. Ou visitamos certa taberna do Largo de Alcântara, uma das últimas que nos restam e esta cheia de autenticidade e de sabor local. Ou bebemos o whisky da tarde no Bar Americano, ao Cais do Sodré, que foi uma das capelinhas do Fernando Pessoa e que, curiosamente, não vem

citada na **Fotobiografia**. Aí, sim, está outra Lisboa, a menos à mão e em que pusemos algo de nós. Lugares destes são, digamos, intimidades que só abrimos lá muito de quando em quando aos amigos mais nossos que nos visitam, e isso, sempre a uma hora e a uma luz especiais como quem tem medo de destruir a surpresa e de banalizar a paisagem. Num momento desses eu corto caminho

através da imagem óbvia da cidade — neste caso, Lisboa — deixo para trás o Castelo, miradouros ao Tejo, alfamas e fado-fadário, e meto, suponhamos, a São Vicente. Esqueço o slide e o castiço, afasto-me das setas do Turismo, vou em frente e sempre a subir: estou na Graça, um bairro desencantado em calvário de mau-gosto e de degradação. Colina da Graça. Isto aqui foi há

cem anos território de artesãos e operários das fábricas orientais, gente que veio lá de baixo, das indústrias da beira-rio e fez morada em redor destes quartéis e conventos ocupando quintas e azinhagas. Uma urbanização um tanto programada, apesar de tudo, porque naquela época (dizem as crônicas) as fábricas a vapor e as empresas de fiação e estampanaria, os Grandellas e as cooperativas

estendiam um braço paternalista à diligente família operária e criavam uma geografia de habitações colectivas que começava em pátios e vilas ordenadas e ia acabar, por força da crise, em ilhas da procriação.

Ilhas das Cobras chamou-se, chama-se ainda hoje, um dos pátios desse tempo. Por sua vez uma pequena burguesia pré-republicana pôs-se a deitar o olho por ali — quintas, azinhagas, logradouros a baixo preço — e, toda individualista, entrou de botinas e colarinhos revirados e aplicou as suas economias burocráticas. Instalou a casa própria e o prédio de rendimento: alargou-se, fez cerco às ilhas operárias. Acabou com uma degradação, abrindo outra — o fim da intimidade colectiva. Assim estamos agora. Largo da Graça, Sapadores, Voz do Operário, Rua da Verónica. Todo o bairro respira ainda um republicanismo cauteloso, com o chalet modesto de três palmos de quintal e o prédio insípido, de interiores sombrios e soalho a tábua corrida.

Deste bairro, desta capital assaltada à balda, alguma coisa rara escapou nem a gente sabe porquê. É só descer uma calçada aqui à boca do Largo da Graça, deixar a balbúrdia dos eléctricos e toda aquela feira encardida de tabacarias, retroseiros e snack-bars, descer e virar à esquerda — e de repente achamo-nos em silêncio e num refúgio do mundo. Vila Berta. É aqui. A gente dá de caras com aquele espectáculo e é uma revelação. Uma paz súbita, uma Lisboa breve e secreta que não consta do Turismo e que tem uma intimidade única e digna, luz própria.

Em traços imediatos aparece como um pátio de casas irmãs — um pátio como uma pequena rua fechada pela frontaria de um prédio a toda a largura, ilustrada de ornatos delicados e com um túnel a dar passagem para o lado de lá, para a cidade envolvente. Há uma velha nespereira à margem dessa saída, os frutos estão à mão de toda a gente no verde solene da folhagem.

Neste lugar tão lisboeta o que impressiona (penso eu sempre) é a unidade íntima e pessoal que ele contém. Não lembra um resto de província, não tem essa sedução de fácil saudosismo e, vendo bem, está todo ele traçado a rigor e em proporções eruditas. Também não usa de maneirismos, nem pensar. E menos ainda de simetrias imediatas



para resultar no bem-composto: pelo contrário, a fazer face às casas austeras que se alinham de um dos lados, projectam-se do outro arrojadas varandas de ferro. E o admirável é que tudo isto se conjuga, tudo resulta numa harmonia natural, inconfundível. Então?

Autenticidade, talvez seja esse o segredo deste habitat. Quando nos princípios do século, Joaquim Francisco Tojal, construtor de boa memória, chegou aqui, àquilo que era a Quinta do Alcaide Fidalgo, e desenhou na tela de projectar a imagem de Vila Berta carregou-a da cor do seu tempo. Isso sente-se, permanece. As colunas e os remates de ferro trazem a herança de mestre Eiffel e a cada nova abordagem destas casas, destas varandas, deste clima, descobrimos reflexos do gosto maçónico e sinais do republicanismo burguês que veremos nas «villas» de Sintra e nas estâncias termiais, senhoras de vestidos compridos atravessando relvados e cavalheiros de chapéu de palha

perpassando orgulhosamente as guias do bigode.

Autenticidade, disse eu, cor do tempo. Tudo o que nasce com essa marca resiste e ganha imaginação. Daí a intimidade que encontramos na Vila Berta, a sua luz, o seu sossego. Está tão dentro e tão ignorada de Lisboa que é, em toda ela, singular.

Mas precisamente por isso, por ser inesperado e singular, há sempre novas leituras deste conjunto cada vez que nos aproximamos dele. Não é só um espaço de habitar, é um pátio com qualquer coisa de encenação, um palco aberto. Dos lados, casas desenhadas a rigor, varandas rompendo o cenário; em fundo e a toda a largura a fachada dum prédio de galeria, com os seus ornatos e o seu túnel ladeado pela nespereira.

Será por esse túnel que em certa noite de Verão alguém verá entrar o Cavaleiro da Rosa inundado de luar. Dirá que o viu quedar-se, imóvel, a meio do pátio, de braço erguido para as casas e rodeado de silêncio ●